



**BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE**  
**PROJETO MEMÓRIA ORAL**

**MICHAEL HALL**

**Hoje, 12 de maio de 2006, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do professor Michael Hall da Universidade de Campinas para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual desse registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Luís Francisco Carvalho Filho e Daisy Perelmutter.**

**Daisy Perelmutter:** Professor, a gente gostaria que o senhor iniciasse este depoimento nos contando um pouco como é que foi o seu primeiro contato com a Biblioteca Mário de Andrade.

**Michael Hall:** É uma grande satisfação estar aqui. Eu conheci a Biblioteca na primeira vez que vim ao Brasil, quando estava fazendo pesquisa para o doutorado nos Estados Unidos, fins dos anos 1960. Eu tinha passado alguns meses lidando com a Biblioteca Nacional no Rio, que não estava em uma fase muito feliz nesse período e a *Mário* foi uma revelação porque não só as condições de consulta eram enormemente melhores, mas o profissionalismo do pessoal, o nível das bibliotecárias e mesmo pequenos serviços. Na Biblioteca Nacional, naquela época, conseguir microfilmar algo era uma negociação barroca sem resultados e aqui você pagava e recebia o serviço. Eu fiquei muito impressionado. Na época, na Biblioteca Nacional, a metade dos pedidos voltava como “fora do lugar”, “fora do lugar”, e isso não acontecia tanto aqui. Eu tive uma experiência muito boa – inicial, pelo menos.

**Luis Francisco Carvalho Filho:** Você chegou a ocupar um dos gabinetes de pesquisa aqui?

**MH:** De fato não tinha vaga na época, eu tentei e usei um pouco a de um outro pesquisador. Mas eu achei também uma coisa simpática, certamente.

**DP:** Qual é que era o trabalho do senhor? O que o senhor estava pesquisando aqui?

**MH:** História da imigração, especialmente da imigração italiana no Brasil.

**DP:** E o acervo era um acervo que respondia?

**MH:** Tinha muita coisa. Depois eu descobri instituições mais especializadas também aqui. O acervo para anos 1920, 1930 e 1940 era espetacular, realmente uma maravilha.

**LF:** Essa foi a sua primeira vinda ao Brasil? E quando é que o senhor veio mesmo?

**MH:** Eu comecei a dar aula na UNICAMP<sup>1</sup> em 1975 e frequentei a Biblioteca de vez em quando depois disso. De fato a minha relação mais intensa foi um pouco mais para frente.

**DP:** E nessa época o senhor chegou a participar de algum grupo? Na década de 1950, 1960 tinham os grupos todos que se formaram, que orbitavam em torno...

**MH:** Não, não.

**DP:** O senhor vinha com uma relação mais pragmática, o senhor tinha que fazer o seu trabalho. E a frequência? O que o senhor lembra em relação ao funcionamento do dia a dia? A Biblioteca estava em um momento fértil?

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas



**MH:** Naquela época funcionava muito bem, eu achei.

**DP:** Anos 1970, não é?

**MH:** Fim de 1960, de fato, 1967 e comezinho de 1968.

**DP:** Aí teve esse hiato e o senhor depois voltou a ter uma relação no momento em que a professora Marilena estava na gestão. Então eu gostaria que o senhor contasse um pouco da sua participação no grupo de restauro, de reformulação da Biblioteca, o senhor chegou a participar de vários encontros...

**MH:** Tinha dois ou três aspectos, primeiro tinha uma comissão de bibliotecárias e de pessoas de fora tentando repensar um pouco as tarefas da Biblioteca e fomos surpreendidos em 1991 porque Marilena conseguiu negociar com o Paul Singer uns cinco milhões de dólares para comprar livros. Então isso absorveu toda a atenção do pessoal. Eu estava como voluntário, mas continuei dando aula normalmente em Campinas e passei dois, às vezes três dias da semana trabalhando aqui. Descobrimos, entre outras coisas, que tinha havido um lapso de uns trinta anos, vinte e cinco anos, que a biblioteca quase não comprou livros estrangeiros. Então o pessoal simplesmente não sabia. Quando a diretora das Bibliotecas Públicas viu o orçamento, ela explicou para a Marilena que iria ter que devolver aquele dinheiro porque não tinha condições de gastar. Então eu e a Marilena ficamos tão aflitos que montamos um grupo de voluntários para fazer uma seleção em várias áreas, quase exclusivamente nas ciências humanas, nem entramos nas áreas científicas. Tivemos que agir rapidamente porque...

**LF:** Dinheiro não gasto, o dinheiro desaparece...

**MH:** Primeiro passa pelo purgatório de contingenciamento... E o câmbio estava caindo todos os dias e a alta inflação não era corrigida no orçamento. No fim a Marilena conseguiu um pequeno ajuste por causa disso. Isso provocou uma certa reação, a diretora da biblioteca do Centro Cultural nunca parou de explicar que era



uma compra muito autoritária que ignorava os profissionais da área. O problema era que os profissionais da área visivelmente não tinham condições de gastar adequadamente esse dinheiro e queriam devolver, mas esse tipo de reação complicou um pouco o processo, mas conseguimos realmente.

**LF:** E foi gasta essa quantia toda em livros para a rede de bibliotecas?

**MH:** Isso. A *Mário* recebia um exemplar de tudo. Fizemos toda a compra brasileira inicial e fizemos uma pequena hierarquia da rede das bibliotecas públicas, para algumas bibliotecas, quatro ou cinco, que recebiam trabalhos mais acadêmicos. Depois fizemos compras em Portugal, Espanha, Argentina e México. Isso foi um pouco para a rede, mas o grosso foi para a *Mário* e para o Centro Cultural, em espanhol. De Portugal foi para toda a rede. Entrando nas línguas mais especializadas, inglês, francês, Italiano e um pouquinho em alemão – obras de referência, basicamente – foi basicamente para a *Mário* e algumas duplicatas para a biblioteca do Centro Cultural. E a última parte, que nós conversamos hoje, a compra de língua inglesa, fizemos graças à FAPESP<sup>2</sup> – apesar de estar um pouquinho fora do programa, a Marilena conseguiu negociar com o diretor científico para deixar a Mário de Andrade competir e fomos totalmente atendidos pela FAPESP também.

**LF:** O senhor soube hoje que esses livros estavam encaixotados até o ano passado...

**MH:** É fantástico, eu ainda estou absorvendo esse fato.

**DP:** Professor, foi feita uma pesquisa logo que a professora Marilena assumiu a Secretaria sobre o desenvolvimento das bibliotecas, uma pesquisa que acho que balizou muitas das ações. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre isso.

**MH:** Eu acho que parou no meio, acho que fomos um pouco ultrapassados pelas compras, que absorveram a atenção de todo mundo. Mas a atenção, eu acho, era

---

<sup>2</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



um pouco tentarmos recuperar a *Mário* como uma instituição de pesquisa ou simplesmente como uma grande biblioteca de bairro que está no centro da cidade, para atender o pessoal de segundo grau e o público em geral. A decisão da Marilena – que eu acho que não foi uma decisão unânime das pessoas da comissão – era - realmente a cidade precisa de uma instituição de pesquisa também, como foi esta Biblioteca durante as décadas iniciais. Aliás, foi uma das coisas mais interessantes. Eu nunca tinha prestado muita atenção na parte não brasileira do acervo que até os anos 1960 é muito inteligente. Obviamente tinham pessoas sabendo o que estavam fazendo. É mais uma biblioteca francesa e italiana do que inglesa, e é mais forte para literatura do que para outras áreas de humanas. Mas mesmo assim, os livros quentes da historiografia inglesa e norte-americana dos anos 1930, 1940 e 1950 estão aqui. É muito interessante.

**LF:** Esse é um dos nossos grandes desafios porque a Biblioteca hoje, ela ainda tem uma característica de ser uma biblioteca “ramal”, digamos assim; ou seja, de atender o público de segundo grau, então há uma desproporção absoluta entre o acervo que ela tem e a freguesia que ela tem. Então é essa a discussão que nós estamos promovendo hoje e a nossa ideia caminha para transformar a Biblioteca Mário de Andrade – agora ela está fora da rede, desde outubro do ano passado ela saiu do departamento e passou a ser um departamento autônomo. E eu acho que ela deve voltar a ser uma instituição voltada para pesquisa, quer dizer, aproveitar este acervo que ela tem e que poucas bibliotecas brasileiras têm...

**MH:** ...ou nenhuma...

**LF:** ...ou nenhuma tem isso reunido, para que ela seja aparelhada para, ainda que seja para atender menos pessoas. Ela deve guardar, ter uma perspectiva de ser memória – não de tudo que se edita, evidentemente – e ao mesmo tempo servir para pesquisa. E a nossa ideia é fazer uma grande biblioteca circulante aqui, trazendo da torre livros duplicados. E também uma biblioteca circulante que seja sofisticada, não uma biblioteca de bairro, entende? Quer dizer, as pessoas que venham aqui saberão que estão levando livros incomuns para a sua casa.



**MH:** Esta foi a nossa intenção também. Eu acho que não conseguimos, em parte porque a primeira exigência era melhorar as bibliotecas de bairro também. Eu acho que conseguimos atingir mais ou menos isso no fim de 1992, mas parece que não foi mantido depois. Isso tiraria um pouco a pressão da Mário de Andrade. E pondo a catalogação do acervo inteiro de uma forma disponível eletronicamente para as pessoas saberem o que tem, porque, de fato, as universidades privadas nesta cidade não têm. Inclusive, infelizmente, a PUC<sup>3</sup> não tem bibliotecas muito adequadas. E, aliás, fora a do IEB<sup>4</sup> e a do Largo São Francisco, na área de Ciências Sociais, História e Filosofia, as bibliotecas da USP não têm sido espetaculares também. Teria um público certamente de lá para uma coleção atualizada. E eu acho que inquestionavelmente tem demanda nesta cidade para uma biblioteca desse tipo. Outras coisas que nós queríamos fazer um pouco era ver até que ponto tinha demandas de firmas na cidade e que a Biblioteca poderia atender. A Biblioteca Pública de Nova Iorque faz isso brilhantemente.

**LF:** Que tipo de serviço?

**MH:** Para pesquisa econômica. Agora ela eliminou um pouco disso, mas se você precisava, eu não sei, alguma coisa, você ia à Biblioteca da Rua 42. A biblioteca cobrava para certos serviços de pesquisa para as firmas, em outras situações tinha vantagens tributárias para doações, para incentivar isso. A Biblioteca Pública de Nova Iorque é também separada da rede de centenas bibliotecas de bairro, é uma fundação; o governo municipal paga a maior parte dos salários e alguns outros serviços, mas muita coisa, não sei exatamente que porcentagem, hoje em dia, do orçamento, vem de outras fontes. E como a nossa ex-diretora das bibliotecas em Campinas diz quando eu expressei algum espanto: “Mas, Michael, você não entendeu: gastar legalmente o dinheiro do Estado brasileiro é a coisa mais difícil que tem”. Então ter possibilidades de verbas de outras fontes para aquisições e compras de livros faltando etc...

---

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica

<sup>4</sup> Instituto de Estudos Avançados



**LF:** Eu não sei em que momento, mas a Biblioteca passou a ser uma divisão do Departamento de Bibliotecas Públicas. Nós conseguimos sair disso, que para nós era fundamental, quer dizer, não tínhamos autonomia para comprar lâmpada, ter que mandar um memorando pedindo lâmpadas. E nós acreditamos que a única solução é que a Biblioteca se transforme em uma fundação para que você possa administrar isso de uma maneira adequada. Nós temos algumas oportunidades que eu acho importantes, por exemplo, em 2008 vai se comemorar o bi-centenário da Imprensa Régia no Brasil, que é uma data... Então eu acredito que existirá muita disposição de se investir nessa área, entendeu? Quer dizer, então é uma perspectiva que a gente trabalha, sobretudo para esse novo prédio para a formação de uma hemeroteca de São Paulo basicamente.

**MH:** Claro, ótimo. Inclusive nós tínhamos intenção, por exemplo, de copiar material de São Paulo ou sobre São Paulo que não tem aqui. Tem um número razoável de jornais na Biblioteca Nacional de São Paulo que não tem aqui. Também foi um dos projetos que não deu tempo de fazer, mas que eu acho indispensável. É absurdo não ter...

**DP:** Professor, um dos projetos relacionados à Biblioteca que o senhor implementou, a professora Marilena implementou, era de qualificação do bibliotecário. Eu gostaria que o senhor contasse um pouco como foi esse processo...

**MH:** É interessante ver que as pessoas que fizeram ou colaboraram no acervo dos anos 1930, 1940 e 1950 não estavam mais e as funcionárias não estavam, em geral, muito preparadas para uma biblioteca de pesquisa. Questões que me pareciam relativamente diretas tipo: fazia sentido continuar fazer funcionar “Dobis-Libis”. Marilena conseguiu uma resposta a essa pergunta em Ottawa porque foi a um congresso da UNESCO<sup>5</sup> e lembrou que a Biblioteca Nacional do Canadá usava na época “Dobis-Libis”. E ela foi lá e conversou com o pessoal que disse que provavelmente fazia sentido, que era um sistema ainda utilizável e ao invés de

---

<sup>5</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



perder todo o tempo de tentar licitação para um novo, porque são caros e etc. Mas ninguém entre as bibliotecárias tinha essa...

É uma mistura, eu acho: faculdades de biblioteconomia deixam a desejar, é uma profissão, por motivos que não entendo muito bem, de baixo prestígio, que em outros países não é.

**DP:** Como é nos Estados Unidos, professor?

**MH:** É um curso de pós-graduação, entre outras coisas; como é Direito, Medicina e várias outras coisas nos Estados Unidos, é outro sistema. Mas certamente, nas universidades, bibliotecária de referência, por exemplo, de atendimento público, muitas vezes é uma figura impressionante. Em universidades em que eu dei aula tinham várias pessoas que desistiram por um motivo ou outro de pós-graduação, mas gostavam das universidades e fizeram curso de biblioteconomia. Esse era um problema; outro era animar um pouco o grupo, de tentar criar um certo “espírito de cor” entre os funcionários, que a Marilena investiu bastante tempo e energia tentando fazer.

**DP:** O projeto de intermediadores de leitura foi um projeto que teve bons resultados?

**MH:** Foi uma dessas ideias, eu não acompanhei de perto, de fato, essa parte. Mas todo muito na Secretaria estava animado com esse projeto. O que queríamos era tentar mandar algumas bibliotecárias da *Mário* ou do Centro Cultural para fora para curso de especialização; nós nunca conseguimos concretizar isso, mas tem verbas aqui e ali, de governos estrangeiros que eu acho que seriam aproveitáveis ou a consultoria de alguns especialistas do exterior também, para alguns serviços para os quais o pessoal aqui não tinha mais muita experiência.

**DP:** Eu li, professor, que alguns pesquisadores italianos, alguns bibliotecários italianos vieram, fizeram uma avaliação daqui da Seção de Obras Raras...



**MH:** Era mais de restauro, era para obras raras e conservação. Tinha uma missão de Bolonha que Marilena tinha negociado quando foi lá. Não se foi muito longe também, mas esse tipo de coisa com possibilidade de acompanhar e dar sequência me parece útil, certamente.

**LF:** E, professor, houve muita resistência? Porque a Marilena fazia parte de um governo que representou uma certa quebra ideológica na história de São Paulo e na própria história do Brasil, quer dizer, foi a primeira geração de prefeitos eleitos. Houve resistência a essas modernizações todas?

**MH:** Eu acho que, por exemplo, se eu tivesse que fazer a compra de novo eu tentaria envolver os funcionários mais no processo. Mas, de fato, eu estava tão apavorado com a ideia de perder esse dinheiro por um motivo ou outro que nós fizemos de uma forma paralela e simplesmente entregamos os detalhes para a Divisão de Bibliotecas Públicas. Houve resistência de vários tipos. Eu não sei se foram tão partidárias, mas certamente de feudos históricos do funcionalismo se sentido negligenciado. Eu acho que não tem uma solução global, mas a Marilena conseguiu implantar um plano de carreira, que não tinha, para as bibliotecárias, que eu acho que aumentou um pouco o estado de espírito e tentar rever o nível profissional. Falando francamente eu acho que algumas pessoas vão responder melhor que outras a esse tipo de desafio, mas o resultado para o público vai ser muito grande e para muitos dos funcionários de aproveitar dessa oportunidade.

**DP:** Professor, em relação a essa grande compra de livros, como é que foram definidos, quais foram os critérios para fazer a seleção desse grande lote?

**MH:** Eu montei um grupo que flutuava um pouco, mas de uma dúzia de pessoas de varias áreas que se reuniam de vez em quando na Secretaria. E tentamos, para não ter que passar por uma licitação pública internacional – uma ideia que simplesmente dizer as palavras assusta: licitação internacional, e que ninguém sabia fazer, inclusive, na Secretaria na ocasião – nós compramos editora por editora porque assim, comprando do fornecedor original – tem uma palavra técnica para isso –, não

precisa passar por licitação. Então escrevemos para as grandes editoras do mundo inteiro e às vezes as exigências da prefeitura causavam um certo espanto. O número de fax que eu tive que mandar para a Macmillan, na Inglaterra, porque eu precisava de uma declaração que Macmillan publica os livros de Macmillan, que era uma exigência da contabilidade ou da assessoria jurídica. Eu acho que deve ter tido três ou quatro correspondências porque eles simplesmente não conseguiam entender do que precisávamos. Mas é interessante que as editoras espanholas entenderam imediatamente.

**LF:** Nós herdamos a burocracia ibérica...

**MH:** O “Ministério de Educación de Ecuador” ou alguma coisa deve ter exigências muito parecidas.

A importação também foi um grande desafio para DEMAT, uma outra parte da prefeitura, na época, que cuidava do recebimento na alfândega, esse tipo de coisa. E tivemos vários dramas em que ameaçavam cobrar multas porque a prefeitura não estava tirando os pacotes dentro do prazo – que não era tão pequeno, tipo trinta dias ou alguma coisa. Isso deu alguns atritos também com outras partes da prefeitura.

**LF:** Mas em relação aos critérios, quer dizer, vocês estavam...

**MH:** Os critérios eram mais ou menos... Tivemos grandes discussões sobre isso, mas em geral a ideia era: alguém na *Mário* ou no Centro Cultural nos próximos cinco anos vai querer ler esse livro. Então isso queria dizer que em certas áreas não entramos muito; História da Índia, por exemplo, não foi muito privilegiada como campo. Eram simplesmente livros que os especialistas da área consideravam de valor e que estavam nos catálogos das editoras da época. Não conseguimos – eu não sei exatamente de mudanças na legislação, nem sei se a legislação é igual atualmente... Como tínhamos feito para tentar adquirir obras importantes fora de catálogo. É possível, a universidade consegue fazer isso às vezes. Nós trabalhamos com os catálogos de editoras e confiamos em Walnice Galvão para literatura de Portugal, Pedro Maia Soares para literatura brasileira, não vou lembrar os nomes de



todas as pessoas. Essas pessoas fizeram isso com muita boa vontade em troca de duas entradas grátis para a Bienal do Livro e algum reconhecimento público. Eu acho que a parte da América Latina poderia ter sido melhor, fizemos uma boa compra na Argentina e algumas coisas do México, foi mais ou menos o que tínhamos condições de fazer na ocasião.

Mas foi mais ou menos isso: confiamos no juízo dos especialistas e mandamos os catálogos, foi um número restrito de editoras, não me lembro exatamente quantas, eram menos que cem, oitenta ou noventa, editoras no mundo inteiro que trabalhamos. Isso deixou muita coisa para fora. A compra italiana foi menos extensa do que eu teria gostado de fazer, por exemplo. A compra portuguesa foi extensa realmente; e Espanha também, eu acho, foi muito bem feita.

**LF:** E o processo da FAPESP foi semelhante a esse?

**MH:** FAPESP foi só de língua inglesa. Eu estava com uma hesitação porque o dinheiro estava acabando de investir muito em livros especializados para a *Mário* em língua inglesa porque isso queria dizer compras não feitas para as bibliotecas de bairro, então entramos com o pedido FAPESP. Não lembro exatamente, mas eram sete ou oito editoras acadêmicas norte-americanas e inglesas. Houve uma negociação para a Biblioteca se tornar elegível para a FAP-livros porque as exigências do programa eram obviamente exigências para departamentos universitários, mas a Marilena conseguiu convencer Peres que embora não fosse um departamento universitário, a *Mário* de Andrade era inquestionavelmente uma instituição de pesquisa, eles atenderam totalmente o pedido. Pena que não aproveitou agora o FAP atual; os resultados saíram há duas ou três semanas atrás: a FAPESP designou 27 milhões. Seria interessante ver se a *Mário* poderia se tornar elegível para ter acesso aos *e-books* que a FAPESP vai comprar – é basicamente para as três universidades, mas uma parte razoável dessa quantia de 27 milhões é para *e-books* entre as três universidades. Não é impossível ter acesso na *Mário* também para isso. Eu acho questionável esse investimento, eu acho que foi feito por pessoas que nunca tentaram ler *e-books*, são absolutamente infernáveis, é o último recurso. Entre não ter o livro e ter que ler no *e-book*, é um pouquinho melhor



ler no formato eletrônico, mas não muito. Eu acho que tem outras possibilidades desse tipo também que a *Mário* tem que explorar, especialmente se redefinindo como uma instituição de pesquisa. Há uma certa receptividade, eu imagino.

**LF:** Ela tem uma receptividade pública muito grande, quer dizer, o que nós sentimos é que existe uma disposição de ajudar desde que eles saibam que essa ajuda de alguma maneira terá uma eficácia e resultará em um resultado. O medo é colocar dinheiro em algo que não caminhe.

**MH:** Vale a pena investigar FINAP<sup>6</sup>, CNPq<sup>7</sup>, que têm programas, eu não sei se são exclusivamente para universidades ou não, mas são quantias razoáveis. E, por exemplo, eu imagino que seja possível aqui ter acesso à lista Capes<sup>8</sup> de revistas eletrônicas, que Capes paga para as universidades. São 90% técnico-científicas, biomédicas, mas tem alguma coisa nessa lista...

**LF:** ... que possa interessar.

**MH:** Vale a pena investigar.

**LF:** Eu diria que a última aquisição de livros para a Biblioteca Mário de Andrade foi realizada na gestão da Marilena, depois a gente teve uma pequena aquisição, absolutamente sem critério. A Mário de Andrade, para você ter uma ideia, não participava do processo de escolha dos livros que seriam adquiridos para ela. Quer dizer, no sentido de que é um processo diferente desse que você tem uma comissão de especialistas que faz, aqui era o Departamento de Bibliotecas Públicas pensando na rede que comprava e dava um exemplar para a *Mário*.

**MH:** Eu acabei de notar que, por exemplo, não compraram os volumes da *Enciclopédia Einaudi* depois do que nos compramos em 1992, não sei, são vinte volumes que saíram depois, isso em português de Portugal.

---

<sup>6</sup> FINAP: Financiadora de Estudos e Projetos ligada à Secretaria de Ciência e Tecnologia.

<sup>7</sup> CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>8</sup> Capes: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



**LF:** Sem dúvida nenhuma. Não houve continuidade nenhuma.

**MH:** Realmente tem que ter – até a palavra não é muito comum – uma bibliógrafa, alguém que faz essa seleção.

**LF:** E que decide estrategicamente o que vai comprar, dentro dos recursos existentes e que faça um plano, efetivamente.

**DP:** Professor, o senhor acompanhou durante o processo da reforma física, foi no momento em que o senhor estava próximo? Como que foi esse momento, a logística da saída dos funcionários?

**MH:** É, um pouco. Houve uma enorme tensão. Foi exigência da Marilena e de fato a Biblioteca não ficou totalmente fechada para pesquisadores durante a reforma, e que era o que várias pessoas queriam: simplesmente trancar a porta. Foi um transtorno, sem dúvida, mas a Marilena exigiu que pelo menos pesquisadores tivessem algum tipo de acesso durante quase toda a reforma, não sempre ao acervo inteiro, mas a uma grande parte. É deprimente ver o estado do prédio atual. Não sei se é falta de manutenção ou o que é exatamente.

**DP:** E nesse período que ela esteve fechada, houve alguma cobrança da sociedade no sentido de “quando vai abrir”?

**MH:** Menos do que esperávamos. Tentamos deslocar para as outras bibliotecas, mas mais ou menos no mesmo período tiveram que fechar a biblioteca do Centro Cultural, que depois de todos aqueles anos nunca conseguiram um tipo de isolamento contra vazamentos. E não sei se ainda está pingando água no Centro Cultural. Não me surpreenderia.

**LF:** O Calil, eu acho que fez...



**MH:** Foi... certamente desorganizamos a vida de várias pessoas, mas a tentativa foi de deslocar o grosso do público para as bibliotecas do bairro.

**DP:** E as atividades de extensão cultural, naquele período elas foram mantidas ou não, professor?

**MH:** Não, suspenderam. Em parte porque este auditório estava sendo totalmente refeito.

**DP:** Aí quando ela foi inaugurada, teve alguma pesquisa para avaliar se o número de consulentes havia diminuído ou aumentado?

**MH:** Eu não tenho as cifras. Tem uma publicação com isso, foi impressionante o aumento do público, provavelmente esteja em algum relatório por aqui. Mas foi surpreendente, de fato. Não sei se ainda tem no fim do semestre filas fora do prédio, o que é inaceitável. Tem que acomodar essas pessoas de alguma maneira. Mas a ideia de ampliação do número de lugares não foi muito longe, era um projeto para uma futura gestão.

**LF:** E o prédio tem muita limitação arquitetônica, não é? Esse é um dos grandes problemas...

**MH:** Pois é. Eu achava que uma sala de leitura pelo menos de alguma forma atrás não ia ofender ninguém. Um arquiteto hábil poderia fazer algo *art déco* que não ofenderia e que aumentaria o número de lugares. Mas agora que tem pirâmides de vidro no meio Louvre, não sei se esse escrúpulo de algo que combina com o prédio também é muito importante.

**LF:** Na verdade a limitação aqui é muito grande porque, além do prédio, tem a praça cuja vegetação é tombada. Então, para mexer em uma árvore aqui é uma operação...



**MH:** O prédio é tombado?

**LF:** O prédio é tombado pelo CONPRESP e também está em processo de tombamento pelo CONDEFAT. O nosso projeto foi aprovado por eles com várias exigências, mas é um projeto de restauro. Nós não estamos fazendo ampliações e é basicamente uma mudança de caráter da Biblioteca.

**MH:** Quando você pensa qual teria sido a população de São Paulo em 1940 que é um milhão e meio ou alguma coisa, obviamente...

**LF:** Era a única biblioteca também. Hoje nós achamos que o público de segundo grau deve ser atendido pela rede e não a Mário de Andrade ser o elemento central disso, a Mário de Andrade tem que ser o elemento central de pesquisa e não de trabalho escolar.

**MH:** De fato tinham dois projetos: um era tentar acomodar as duas coisas dentro do mesmo prédio, ter uma sala basicamente para segundo grau e uma outra sala para pesquisa, não me parecia impossível, mas talvez não seja a melhor saída também.

**DP:** Professor, a Associação de Amigos naquele período funcionou bem?

**MH:** Nunca tivemos muito contato de fato com eles.

**DP:** Você se lembra quem eram as pessoas?

**MH:** Eu falei com um dos caras na época, mas eu sempre queria dinamizar um pouco essa parte da Biblioteca. Não tinha muito contato institucional entre os usuários e a administração. Eu me lembro em viagens no exterior tentando investigar como outras bibliotecas públicas fazem esse tipo de coisa. Ninguém tem uma solução ideal, pelo menos eu não descobri. Mas certamente seria desejável incorporar mais o público. Eu tentei duas ou três vezes aplicar questionários sobre como os usuários avaliavam o atendimento, acervo e várias outras coisas, mas



nunca conseguimos. As bibliotecárias não gostavam do questionário e obviamente eu acho que muita gente não queria se expor a esse tipo de indagação.

**LF:** E a Biblioteca Circulante, você tem alguma memória de alguma ação feita na época?

**MH:** Já estava na Praça Roosevelt na época e eu não tinha muito a ver com isso. Mas todo mundo reclamava certamente que eram instalações inadequadas, que era uma solução provisória. Eu estou tentando lembrar quais foram as propostas para isso... Mas dá para pôr no prédio novo?

**LF:** Nós vamos trazer para cá, para a sala de leitura. Nossa ideia é construir um mezanino dentro...

**MH:** Isso foi uma proposta também...

**LF:** ...com capacidade para sessenta mil livros, com isso teria uma redução da capacidade de leitura, mas a ideia é fazer uma biblioteca circulante especial, diferente do conceito que hoje tem nas bibliotecas ramais. A Biblioteca Circulante da Mário de Andrade tem um acervo interessantíssimo porque ela foi montada com a duplicata do que existia aqui. Então você tem obras absolutamente fora de catálogo, esgotadas, que você pode levar para a casa e ninguém sabe. Então nós queremos justamente aproveitar essa relação. Por exemplo, todas as peças de Shakespeare em encadernação de couro, papel Bíblia, nós temos vários exemplares aqui dentro e temos na Biblioteca Circulante. Então a nossa ideia é fazer um vínculo de biblioteca pública através da Biblioteca Circulante e gabinetes de pesquisa distribuídos no segundo andar.

**MH:** Uma das nossas ideias era que a grande biblioteca circulante do centro deveria estar no Centro Cultural para aproveitar de todo aquele espaço. Houve muita resistência do Centro Cultural a isso e finalmente aceitaram uma biblioteca circulante lá, que não tinha. Não sei em que pé está, mas duvido que esteja...



**LF:** Eu acho que caminha bem. O que se fez é uma biblioteca de livre acesso do leitor ao livro, uma parte do acervo circula, uma parte do acervo não circula. A parte do acervo que circula é identificada por um símbolo, um adesivo no livro, então você sabe que aquele livro você pode levar para a casa. A biblioteca do Centro Cultural se desenvolveu muito bem nos últimos quatro anos.

**MH:** Duplicamos muita coisa da *Mário* para lá também na época. Tem esse escândalo dos anos oitenta em que um pedaço da *Mário* de Andrade foi transferido para lá. A ideia era que o Centro Cultural ia ser...

**LF:** ... a segunda torre da *Mário* de Andrade.

**MH:** É, exatamente, a grande biblioteca. De fato tem um espaço lá, que é um andar ou talvez mais de um andar, que ia ser para livros e não dá para usar para outra coisa porque não tem iluminação, ventilação, teto baixo, e tem buracos ali e que iam ser pequenos elevadores para os livros desse depósito e não foi para frente.

**LF:** Acabou virando um centro cultural e mudou-se o caráter.

**MH:** Houve uma enorme pressão das funcionárias, tinham muito mais funcionárias na biblioteca do Centro Cultural do que na *Mário*, e todo mundo é chefe: chefe dessa estante de livros... Era uma aberração administrativa. Isso foi de quem? Sábado Magaldi e... Mas a seleção das obras de referência foi inteligente, foi bem feita de fato.

**LF:** Eles pegaram *Mário Chamie*, talvez. A ideia era que o Centro Cultural fosse a continuidade da Biblioteca *Mário* de Andrade, aí em uma mudança de governo mudaram os planos e transformaram em um centro cultural e na hora de inaugurar não tinha acervo, então eles pegaram vinte anos da *Mário* de Andrade e levaram para lá.



**MH:** O plano era de um acervo de milhões, tem espaço para isso, e espaço onde estavam guardando partes de cenários de óperas do Teatro Municipal, isso dava para fazer um pouco. De fato é um espaço para guardar livros, não tinha outro uso.

**LF:** É o subsolo deles, é usado como depósito.

**MH:** Aparentemente. As bibliotecárias estavam absolutamente indignadas com o argumento da integração da biblioteca com as atividades do Centro Cultural. Elas queriam mais ou menos desativar a biblioteca e manter só uma biblioteca de artes e atividades ligadas ao Centro Cultural. A Marilena conseguiu bloquear isso obviamente. Porque é um equipamento fantástico, de fato, apesar de defeitos arquitetônicos...

**LF:** E é ao lado do metrô, é um lugar perfeito...

**MH:** Claro, e de livre acesso, daria para aumentar uma grande parte daquele acervo. Notoriamente é um equipamento que ninguém conseguiu aproveitar plenamente para a cidade.

**DP:** Eu acho que ele voltou a ter bastante vitalidade, professor. Ele passou um momento que estava decadente e retomou, tem uma vitalidade em todas as áreas, atende um público muito grande.

**LF:** Eu acho que a gestão do Calil foi muito interessante. Tem um monte de problemas, mas acho que de uma certa maneira se desenvolveu muito. Eles corrigiram esses problemas estruturais de vazamento. O Calil até brinca comigo e fala assim: “Você só começará a ter uma biblioteca depois que você consertar as lajes da Mário de Andrade, entendeu?”. Mas é verdade!

**MH:** Mas esta cidade teria espaço para duas grandes bibliotecas, aliás. Teria demanda, tranquilamente.



**DP:** Professor, em relação aos programas de fomento, aos leitores, formação de leitores, o senhor não participou desse processo? O senhor é otimista em relação a isso? Pensando em iniciativas do estado em fazer as bibliotecas promoverem esse tipo de ação, o senhor acredita que é eficiente?

**MH:** Eu não me envolvi nisso, só acompanhei de longe. Eu só sei que o pessoal da Secretaria achava que os resultados eram muito promissores e que tinha uma receptividade muito grande a esse tipo de coisa, mas eu não acompanhei. A única coisa vagamente parecida era que por algum motivo eu me envolvi um pouco com os ônibus-biblioteca. E manter os ônibus funcionando com as exigências do funcionalismo municipal era uma façanha.

**LF:** Nós ainda temos um ônibus...

**MH:** É? A Marilena conseguiu a certa altura pôr oito ou dez em funcionamento com receptividade enorme e muita discussão – eu não participei muito – que tipo de acervo se põe nessa biblioteca.

**DP:** E quais eram as opiniões sobre o acervo?

**MH:** Coisas para primeiro e segundo grau, clássicos da literatura brasileira e internacional. E todas aquelas coisas: como cuidar do seu gato e...

**LF:** Auto-ajuda!

**MH:** É, exatamente, e coisas do tipo. Foi feito com uma certa consulta ao público também porque ninguém tinha muita experiência com isso. O custo não exatamente em termos financeiros, mas em termos de atenção, energia e empenho da Secretaria certamente foi alto, de manter essas coisas.

**LF:** Porque é uma operação que tem que funcionar bem porque senão ela perde a credibilidade.



**MH:** Os CEUs<sup>9</sup> devem ter substituído isso um pouco também, porque espalhou esse tipo de coisa. E é uma solução melhor, se possível, porque o acervo em um ônibus tem que ser realmente pequeno.

**DP:** E o que o senhor acha das bibliotecas públicas especializadas? De algumas bibliotecas de bairro atuarem em determinados campos de conhecimento, o senhor acha que isso funciona?

**MH:** Não sei, eu acho que tem especializações, certamente eu acho que uma biblioteca voltada para as artes faria parte da biblioteca do Centro Cultural, de dança, música... Tem coisas desse tipo, mas um empenho maior... Inclusive tentei convencer o Calil para ser o lugar do arquivo do Teatro Municipal, por exemplo, não sei se isso foi feito. Artes plásticas é um pouco mais complicado. Está um pouco dividida, está o grosso aqui e um pouco no Centro Cultural, que também não é uma má solução eu acho. Braile era do Centro Cultural... E tinha gibiteca...

**LF:** Ainda tem.

**MH:** Obviamente tem alguns interesses específicos...

**LF:** Ela perguntou porque um dos planos do Calil é você pegar quatro grandes bibliotecas que já existem: Santo Amaro, Lapa...

**MH:** ...que é um palácio que nunca foi aproveitado...

**LF:** É, exato. Então, por exemplo, a Lapa seria uma biblioteca especializada em ciência. Ela receberia o acervo do Mário Schenberg e inclusive uma das ideias é de levar uma coleção de obras que nós temos de excelente qualidade dos anos 1930, 1940 e 1950 que está aqui e que não foi atualizada. Uma biblioteca de ciência não atualizada perde o sentido.

---

<sup>9</sup> CEUs: Centros Educacionais Unificados – Secretaria Municipal da Educação.



**MH:** Nós debatemos sobre isso e decidimos que era uma coisa para decidir futuramente, mas que as bibliotecas científicas da USP são relativamente muito melhores do que as bibliotecas da USP das humanas e que não fazia muito sentido entrar naquela área na ocasião, mas para a história da ciência certamente seria um acervo interessante.

**LF:** Então a Santo Amaro seria uma biblioteca especializada em urbanismo. Então o que está sendo pensado: são quatro bibliotecas temáticas, são quatro prédios grandes e que desenvolveriam além da sua característica de biblioteca pública de atendimento, elas seriam bibliotecas especializadas em alguns temas. Seria em princípio: ciência, urbanismo, cinema e...

**MH:** Seria no Centro Cultural?

**LF:** A do Centro Cultural continuaria a ter a característica que ela tem, quer dizer, plural. O Centro Cultural, por ser um departamento, tem uma gestão própria. O Calil defende também que, assim como o Teatro Municipal e a Biblioteca Mário de Andrade, esses três grandes departamentos adquiram uma autonomia administrativa e financeira e se transformem em autarquia, em fundação, para que possam ter uma vida própria e se desenvolverem. E dentro do sistema municipal de bibliotecas, com a qual o Centro Cultural e a Mário de Andrade conversariam, evidentemente: seria o mesmo sistema de catalogação, não dá para cada um inventar uma coisa, mas estariam fora desse sistema e esse sistema se desenvolveria a partir dessas quatro grandes bibliotecas na zona leste, norte, sul e oeste, cada uma com uma especialidade temática e ao mesmo tempo bibliotecas que fossem as gestoras daquela região, entendeu? E o departamento de biblioteca pública, que era gigantesco como instituição administrativa, se esvazia. As bibliotecárias, ao invés de estar aqui, vão para as bibliotecas e o sistema fica sendo um organismo de estabelecimento de normas, de critérios, de diretrizes para o funcionamento de tudo.

**MH:** E de aquisição, eu espero. Porque, comprando quarenta exemplares, dá para negociar com editoras.

**LF:** E ao mesmo tempo, evidentemente, compra ficaria, mas nesse processo a Mário de Andrade também passa a ter autonomia para comprar.

**MH:** É indispensável.

**LF:** Até porque muitas vezes eu não preciso comprar, quer dizer, eu preciso adquirir, eu posso conseguir quatro exemplares de um determinado livro, independentemente de comprar.

**MH:** Eu acho que a ideia da Marilena era que a *Mário* ficaria ao mesmo tempo uma parte da Secretaria e uma fundação com autonomia, teria certas tarefas cumpridas em parte pela Secretaria e outras partes pela fundação. Posso prever dificuldades administrativas, mas ao mesmo tempo vantagens também. Não sei exatamente como resolver essa questão. Você tem toda razão, a autonomia é indispensável para uma instituição deste tipo.

**DP:** Na verdade tem um restinho, professor. Eu acho que seria mais para o senhor nos ajudar um pouco a pensar as perspectivas futuras desta instituição. Como a gente está neste momento de redefinição, de reforma, todas as pessoas que estão aqui nos contando um pouco as memórias, as lembranças, elas também são importantes para junto conosco pensar nas diretrizes.

**MH:** May Brooking ainda está viva? May Brooking é uma pessoa que seria importante entrevistar, eu não sei com que grau de franqueza ela gostaria de falar, mas possivelmente a essa altura...

**LF:** Ela participou ativamente da formação do Centro Cultural também.



**MH:** Ela já estava aposentada, mas colaborou em algumas coisas na gestão da Marilena também, nessa comissão sobre a *Mário*.

**DP:** A Vera Tocairim?

**MH:** Também. Para essas outras coisas eram projetos da Vera, basicamente.

**DP:** Professor, o que o senhor como ex-colaborador, frequentador, cidadão paulistano, intelectual, professor, qual o futuro que o senhor vislumbra para uma instituição como esta?

**MH:** Eu espero que volte a ser uma instituição de pesquisa de fato, além da preservação do acervo espetacular que tem. A cidade merece. Não tem nada que compete exatamente com isso.

**DP:** E das bibliotecas que o senhor frequentou, bibliotecas públicas – isso é uma curiosidade – com qual o senhor tem uma relação especial, bibliotecas no mundo que o senhor tem uma relação muito forte? Biblioteca pública.

**MH:** Eu fiz pós-graduação em Columbia, Nova Iorque, então usei muito a Biblioteca Pública de Nova Iorque que é – depois da Biblioteca do Congresso que é a biblioteca nacional norte-americana – a segunda biblioteca do país e que realmente era o modelo que eu tinha na cabeça para a *Mário*, quando estávamos pensando como fazer.

**DP:** E a excelência da Biblioteca de Nova Iorque o senhor atribui a que, ao atendimento, ao acervo?

**MH:** Ao empenho de várias pessoas, ao fato de que virou uma causa cívica, houve uma enorme crise com a crise financeira de Nova Iorque nos anos 1970 e várias pessoas da filantropia de várias áreas se mobilizaram para a biblioteca, que tem toda uma série de programas que nós pensamos para a *Mário*, mas nunca



conseguimos tempo e condições para tentar levantar fundos. A Biblioteca tem programas de bolsas para pesquisadores de fora que queiram usar o acervo, por exemplo, e faz uma política bastante agressiva de aquisição de acervos e de arquivos pessoais de figuras literárias importantes, o que eu sempre achava que seria uma das tarefas possíveis da *Mário* – mas exige atenção, realmente tempo integral de uma equipe, ficar atrás de viúvas...

**LF:** E a *Mário*, pelo processo de decadência que ela atravessa na verdade desde a década de 1970, quer dizer, porque ela não comporta mais o acervo dela desde da década de 1970, ela saiu de dois mercados: o mercado da doação e do mercado da pesquisa, quer dizer, hoje um pesquisador tem alternativas e muito embora tenha coisas que ele só encontra aqui, ele só vem aqui para pegar as coisas que ele só encontra aqui porque é tudo difícil, o serviço não funciona, etc. Agora, a partir do momento que se reverter isso ela passa a ser uma alternativa interessante às bibliotecas que já existem na USP, o centro está melhorando de uma forma ou de outra, não é?

**MH:** É, concordo.

**DP:** E para concluir, professor, eu acho que o senhor fez parte, enfim, participou ativamente de uma gestão que na verdade se estruturou a partir de três eixos: era acessibilidade dos bens culturais, participação nas decisões culturais... Eu gostaria que o senhor, analisando agora retrospectivamente, o que é que o senhor achou de todas essas ações, o que é que foi mais bem sucedido na sua época durante a gestão?

**LF:** E os seus arrependimentos também, porque isso é importante.

**MH:** Arrependimento é não ter começado mais cedo porque eu não ia colaborar muito, mas a Marilena ficou tão aflita com uma verba sem condições de aplicá-la de uma forma racional que eu acabei me envolvendo. Eu acho que certamente a compra foi importante, pelo menos serviu para mostrar algumas das possibilidades e



é pena que não teve continuação. Acho que da parte em que eu estava diretamente envolvido, refazendo, como eu disse, eu tentaria envolver os funcionários, as bibliotecárias mais no processo, mas não deu tempo na ocasião. Eu acho que foi positivo. A Marilena ainda não se refez da experiência de quatro anos na Secretaria. Eu estava envolvido tão marginalmente como voluntário em um campo muito específico que deu mais ou menos certo que as minhas lembranças são talvez mais positivas. Eu não tinha muita responsabilidade de fato.

**LF:** E por que a Marilena não se refez?

**MH:** Foram 24 horas por dia de tensão, ataques constantes de todas as pessoas. Não tanto sobre bibliotecas, mas outras coisas. Pessoas que queriam usar – como o governo anterior tinha feito - o Teatro Municipal mais ou menos à vontade, alugado para fins de festas e atividades privadas, que montaram muitas campanhas contra Emílio, Calil - Antonio Ermirio de Moraes que não sabia ler o orçamento e não entendia que o Teatro Municipal era... De fato o orçamento era todo da divisão de teatros e tinha uma grande quantia de ticket restaurante e então ele entrou na *Folha* e escreveu: “Como os bailarinos vão ficar gordos com todo o dinheiro que a Secretaria está desperdiçando...”, coisas desse tipo. Dia após dia ter que responder essas coisas... A condessa Sabine Lovatelli montando seus ataques porque ela queria crianças cantoras de Stuttgart ou alguma coisa em tal data. Mas, de fato, tinha todo um processo de alocar datas e mesmo para a condessa Sabine Lovatelli não dava para ignorar os procedimentos democráticos estabelecidos. Briga depois de briga desse tipo realmente é muito cansativo.

**LF:** É, eu imagino.

**DP:** O senhor chegou a participar de outras ações?

**MH:** Não, eu me restringi a brigar a favor dos livros.



**DP:** Está ótimo, professor! Eu agradeço muito a sua presença, a sua disponibilidade e esse nosso encontro. Muito obrigada, professor!

**LF:** Obrigado!

